

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
11 de Dezembro de 2020
SÓ O CINEMA

ALENKA / 1961-62 "Alenka"

Um filme de Boris Barnet

Argumento: S. Antonov / *Diretor de fotografia (35 mm, Sovcolor):* Igor Tchiornik / *Cenários:* Aleksandr Miakhov / *Guarda-roupa:* M. Antonova / *Música:* Kiril Molchanov / *Montagem:* L. Tchalova / *Som:* Grigori Korenblum / *Interpretação:* Natacha Ovodova (*Alenka*), Irina Zaroubina (*Vassilissa Petrovna*), Vassili Chukchin (*Stepan*), Nicolai Bogolioubov (*Goulko*), Erast Garine (*Vitaminitch*), Nikolai Krioutchkov (*Roman Semionovitch*), Evgueni Choutov (*Tolia*), Anda Zaitsis (*Elsa*), V. Grigoreva (*Nastia*), Maya Menglet (*Lida*), Nina Nikitina (*Tia Grounia*), Natalia Seleznyova, Rakhmetulla Salmenov, Boris Romanov, Anatoli Grachyov.

Produção: Mosfilm / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 75 minutos / *Estreia mundial:* 22 de Março de 1962 / *Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado pela primeira vez na Cinemateca em 4 de Maio de 1996, no âmbito do ciclo "Boris Barnet".*

Penúltimo filme de Boris Barnet, um homem que atravessou vários períodos do cinema soviético, sabe fazer filmes e sabe porque os faz, o que é menos frequente do deveria ser, **Alenka** vem desmentir totalmente a ideia que circulou durante algum tempo, segundo a qual nos seus últimos anos Barnet era a sombra do que fora. Nitidamente, esta informação baseou-se mais em informações de segunda mão ou em histórias sobre o abuso do álcool pelo realizador do que na visão dos filmes. É verdade que **Alenka** foi mal recebido pelo público, o que parece ter perturbado Barnet, levando-o a aceitar o argumento do seu filme seguinte, **Polustanok**, que não o interessava. Trata-se, no entanto, de um belíssimo filme, que mostra que o seu talento não se havia diluído, que o seu domínio sobre o seu ofício permanecia intacto. Também é um filme que mostra que Barnet soube evoluir, pois não parece realizado por um homem no fim da sua carreira e sim por um jovem cineasta (a título de curiosidade, lembremos que Godard incluiu dois planos de **Alenka** em **Histoire(s) du Cinéma**).

Não é abusivo incluir **Alenka** entre os exemplares tardios dos *filmes do degelo*, realizados a seguir à desestalinização iniciada por Nikita Khrouchev no XXº Congresso do Partido, em 1956 e de que a obra emblemática é **Quando Passam as Cegonhas (Letjat Zuravi)**, de Mikhail Kalatozov, 1957). A partir de então, as formas cinematográficas soviéticas tornaram-se mais livres, o tom dos filmes tornou-se menos pomposo. Esta mudança teve repercussões na obra de cineastas da velha guarda, como Barnet, Kalatozov ou Grigori Kozintsev e também na de realizadores trintanários, como Grigori Chukrai (**Sorok Pervy/ "O 41º"**, 1957) ou a dupla formada por Alexander Alov e Vladimir Naoumov (**Veter/ "O Vento"**, 1959), entre outros. Nos seus últimos anos de vida, as relações de Barnet com a burocracia cinematográfica soviética não eram das melhores e o conselho artístico da Mosfilm criticou o argumento de **Alenka**, mas Barnet, valendo-se talvez do Prémio Estaline que recebera no ano anterior, conseguiu convencê-los a produzir o filme. É evidente que os meios não lhe foram regateados, como pode ser constatado pela fotografia a cores, os planos aéreos, as filmagens em cenários naturais e os efeitos fotográficos, como as numerosas e muito bem realizadas *back-projections*. O cinema soviético sempre cuidou os chamados "valores de produção" (fotografia, cenários, guarda-roupa), com um esmero que podia roçar pelo academismo, pois todos os técnicos tinham uma formação específica, ninguém se improvisava ou aprendia no terreno (o amadorismo, que foi um dos componentes da

Nouvelle Vague, seria impensável lá). Tendo como pretexto narrativo a grande emigração de russos em direção às "terras virgens" do Cazaquistão, a partir de meados dos anos 50 (quase todas as repúblicas, brancas ou não, foram inundadas por russos étnicos, num pouco discreto movimento de colonização), **Alenka** é uma variante soviética do *road movie*, o que pode parecer insólito ao espectador pouco familiarizado com o cinema soviético (um outro exemplo é o esplêndido **Jivet Takoi Paren/"Um Sujeito Assim"**, realizado em 1964 por Vassili Chukchin, que interpreta um dos protagonistas em **Alenka**). A diferença mais importante em relação aos *road movies* americanos ou derivados do cinema americano é que, ao invés de errar a esmo, os personagens sabem para onde vão e Barnet dá-nos a conhecer a história de cada um deles, através de uma série de *flashbacks*. Ao invés de se desenrolar no eterno presente dos *road movies*, **Alenka** nos faz mergulhar no passado dos protagonistas, que deixam assim de ser rostos lisos, sem identidade precisa. E os *flashbacks* permitem a Barnet sair momentaneamente da narrativa principal e introduzir rupturas, o que é uma das suas atitudes mais características, realizando quase um filme dentro do filme no episódio da criança às voltas com a disciplina escolar e com problemas de aritmética, uma pequena jóia de humor e leveza, raro exemplo do mundo tal como o vê uma criança, com a sua lógica pessoal e incomunicável. Graças ao uso do *flashback*, Barnet realizou um filme no qual se inserem, como afluentes de um rio maior, quatro pequenos outros filmes, todos com grande unidade visual e estilística, todos tirados da vida de todos os dias, cada um com o seu tom peculiar, agridoce, trágico ou burlesco. Todas as histórias são profundamente individualizadas e por isto são ao mesmo tempo pequenas e grandes.

Alenka possui uma característica que poucos espectadores associam ao cinema soviético e que no entanto é patente em muitos filmes: trata-se de um filme extremamente tónico, que recusa o sentimentalismo, para expor de modo mais agudo os sentimentos. A inesquecível sequência de abertura, com as vistas aéreas dos campos e da estrada, ao som de uma suave música de piano, que já fizera a sua irónica aparição como fundo sonoro do célebre logo da Mosfilm (uma estátua realista-socialista representando um operário e uma camponesa), instala imediatamente o espectador na aventura do filme, submergindo-o no simples prazer de ver. Como observa Bernard Eisenschitz a propósito deste filme, "*depois de um começo destes, o que vem depois só pode ser de qualidade inferior. E, no entanto, não é assim*", longe disto, talvez pelo facto deste ser um filme cujo argumento é suficientemente inteligente e suficientemente visual para não tolher os voos da *mise en scène*, um filme onde tudo se expõe e se resolve com fluidez, eventualmente através de elipses, sem passagens explicativas. Longe de ser épica, a música é sempre lírica, o que dá aos vastos espaços que cercam os viajantes uma dimensão quase imaginária, que Barnet contrasta habilmente com os espaços fechados dos *flashbacks*. E no final, depois da chegada dos viajantes ao ponto a que sempre se destinaram, Barnet conclui as duas histórias principais, a de Alenka e a de Stepan, em dois planos magníficos: a reparação da mulher de Stepan, de quem só vemos as pernas e o cão, e o reencontro entre Alenka e o rapaz com os gelados. Duas conclusões ao invés de uma, duas conclusões abertas, para um filme profundamente estruturado e profundamente livre. Um filme que também anuncia o melhor do jovem cinema soviético dos anos 60 (Vassili Chukchin, Georgi Danielia, Otar Iosseliani, Larissa Cheptiko, Andrei Kontchalovsky), um filme que em nada é inferior aos melhores filmes mudos de Boris Barnet. E embora Barnet afirmasse à época em que filmava **Alenka** que os seus filmes "*são feitos para uma só vez*" e que "*imaginados, são melhores*", este é certamente um filme que deve ser visto e revisto.

Antonio Rodrigues